

A Representação de reis portugueses encantados no Tambor de Mina

Mundicarmo M.R. Ferretti – UFMA/Brasil

Resumo

O Brasil é freqüentemente apresentado como uma nação formada por três raças: a branca, representada pelo colonizador português; a negra, constituída pelos escravos africanos; e a amarela, formada pelo índio, o nativo do território colonizado. No Tambor de Mina, denominação religiosa afro-brasileira, o povo português é lembrado geralmente como nobre e navegador. Pretendemos analisar essa visão a partir da representação de encantados (entidades espirituais) recebidos em transe mediúnico em terreiros de São Luís-MA (Brasil).

Palavras chave

Representação; Religião afro-brasileira; Tambor de Mina; Mitologia; Encantados.

Abstract

Brazil is often represented as a nation formed by three races: white, represented by the Portuguese colonizer; black, being the African slaves; and yellow, made by the Indians, native in the colonized territory. In Tambor de Mina, an African Brazilian religion denomination, the Portuguese people are constantly shown as noble and navigator. We intend to analyze this view through the representation of Encantados (spiritual entities) received in mediumship trance at the Terreiros in São Luís-MA (Brazil)

Key-word

Representation; African-Brazilian Religion; Tambor de Mina; Mythology; Encantados (spiritual entities)

Introdução

A diversidade étnica existente nos primórdios da formação da sociedade brasileira teve reflexos nas religiões afro-brasileiras, como no Tambor de Mina - religião de matriz africanas surgida no Maranhão, levada há muito para os estados do Pará, do Amazonas, mais tarde para São Paulo e outras regiões do país que receberam migrantes maranhenses e paraenses. Embora as casas de Mina mais antigas do Maranhão – a Casa das Minas (jeje) e a Casa de Nagô (iorubana) - sejam consagradas a voduns e orixás – divindades africanas (a primeira a Zomadônu e a segunda a Xangô), na Casa de Nagô e nos demais terreiros de Mina são também cultuados encantados ‘gentis’ (nobres cristãos europeus associados a orixás: portugueses, franceses e de outras nacionalidades); turcos (nobres geralmente submetidos ao cristianismo); entidades caboclas (tipos populares com ou sem origem indígena; nobres que rejeitaram a vida palaciana - como Antonio Luís, o “Corre Beirada”, filho de Dom Luís rei de França); e índios aculturados, (“mansos”, como Caboclo Velho, o índio Sapequara).

Nesse trabalho pretendemos analisar representações de reis portugueses no Tambor de Mina a partir de entrevista e de observação de rituais onde ocorreram transes de possessão com aquelas entidades, realizadas em São Luís; e da análise da literatura e de letras de ‘doutrinas’/musicas cantadas em terreiros das capitais do Maranhão e do Pará. Como nos rituais de Mina o transe com as entidades gentis/nobres costuma ser menos freqüente e duradouro e elas quando incorporadas falam pouco, principalmente com as pessoas da assistência, a análise das letras das musicas cantadas em sua homenagem, geralmente em português, se mostrou uma excelente fonte de dados, principalmente porque os ‘mineiros’ também falam pouco sobre suas entidades espirituais.

1. Nobres ou gentis cultuados no Tambor de Mina

O Tambor de Mina é a denominação religiosa afro-brasileira típica e predominante de São Luís, capital do Maranhão, um dos estados do nordeste brasileiro. Tal como o candomblé da Bahia, que é mais conhecido nacional e internacionalmente, apresenta variações definidas em termos de etnias africanas: jeje, nagô, cambinda (ou caxias) e outras, para citar apenas as mais antigas. Afirmam-se geralmente que a influência jeje e nagô foi maior nos terreiros da capital e que a cambinda foi mais efetiva no interior de estado, especialmente nos municípios de Codó e de Caxias, onde predomina o Terecô - variedade de religião afro-brasileira considerada mais aberta a trocas com outras religiões do que o Tambor de Mina, o que algumas vezes é justificado afirmando-se que alguns africanos trazidos para Codó como escravos já teriam chegado falando português e que em Codó, localizado no interior do estado, tiveram mais contato com a população indígena e cabocla do que os que vieram para a capital¹.

Como foi mencionado no item anterior, no Tambor de Mina são cultuadas entidades africanas (voduns e orixás), gentis (nobres cristãos europeus que se acredita terem se encantado², freqüentemente associados a orixás e algum deles a santo católico), turcos (nobres de origem pagã) e entidades caboclas (tipos populares com ou sem origem nobre ou indígena), índios aculturados e nobres que rejeitando a vida palaciana passaram a viver com o povo, recebidas em transe mediúnico pelas filhas e filhos-de-

¹ Embora a nação cambinda seja lembrada nos terreiros jeje, nagô (fundados por africanos) e nos demais terreiros de São Luís, abertos por crioulos, afro-descendentes e outros, classificados pelos jeje como beta – da mata ou de caboclos -, há muito não existe em São Luís nenhum terreiro definido como cambinda.

² Fala-se na Mina que uma entidade é encantada quando teve vida terrena e desapareceu sem ter sido constatada a sua morte. Em certo sentido, ao se encantar ela venceu a morte e pode reaparecer muito tempo depois incorporada em algum filho-de-santo, narrando sua história. Como para muitos o personagem histórico Rei Sebastião desapareceu em campo de batalha no Marcos, é talvez o personagem histórico que melhor corresponde ao perfil do encantado de mesmo nome recebido em transe mediúnico em terreiros maranhenses.

santo. Ao contrário do que ocorre em outras religiões afro-brasileiras (como no Candomblé de Caboclo e na Umbanda) as entidades caboclas do Tambor de Mina não são sempre representadas como indígenas - índios aculturados ou mestiços (FERRETTI, M. 2000). Muitas delas pertencem à família do Rei da Turquia ou são filhas de reis europeus que saíram de seus castelos e adotaram uma postura popular (como Corre Beirada, filho de Dom Luiz), apesar da existência no Tambor de Mina de um verdadeiro fascínio pela nobreza, como pode ser constatado na pompa do império nas Festas do Espírito Santo realizadas nos terreiros (casas de culto) e na existência de entidades espirituais nobres no panteão das minas jeje, nagô, cambinda e outras³.

Na Casa das Minas (jeje), considerada o terreiro de Mina mais antigo, onde só se recebe entidades africanas, existem várias entidades nobres pertencem à família de Davice, do antigo reino do Daome. Existia também ali no passado um culto especial a tobossis (princesinhas de status muito elevado). No panteão da Mina jeje existe também uma família de voduns constituída por reis caboclos, ligados ao panteão da terra, a qual pertence Azile, que entrou na casa de Nagô (matriz da Mina nagô) com o nome de Xapanã e como aquele associado a Rei Sebastião e festejado no dia daquele santo no calendário católico (20/1) (FERRETTI, S. 2009).

Apesar da Casa de nagô ser um terreiro consagrado a Xangô - rei na mitologia iorubana -, a nobreza é ali representada principalmente por Dom Luiz Rei de França (VERGER, 1982) e por Rei Sebastião (MACHADO, 1979), o soberano português desaparecido em batalha contra os mouros em 1557-1578, que se acredita encantado no Maranhão, na Praia dos Lençois. As circunstâncias do encantamento dos voduns gentis, apesar de muitas vezes descritas por alguns pais-de-santo do Pará (LUCA, 2010, p.),

³ É possível que esse fascínio tenha a ver com o aumento da monarquia portuguesa no tempo de Dom Manuel, quando o Brasil foi colonizado, pois, segundo Taissa de Luca (1910, p.95), no reinado de Dom Manuel não só proliferaram cargos e ofícios mantidos pelo Estado como também as dependências reais ganharam em suntuosidade.

nunca são mencionadas nas letras das músicas e nas entrevistas realizadas no Maranhão, embora se fale freqüentemente que Rei Sebastião se encantou numa batalha e que Dom Miguel foi encantado num peixe. Nos outros terreiros que recebem entidades não africanas, os encantados gentis (nobres) costumam ser recebidos com maior destaque e são preparadas para eles roupas especiais e mais luxuosas.

Na Mina maranhense são cultuadas várias entidades apresentadas como pertencentes à nobreza portuguesa entre elas os reis Dom Manuel, Dom João, Rei Sebastião, Dom Henrique, Dom Pedro, Dom José e Dom Miguel, alguns mais conhecidos do que outros (LUCA, 1910). De acordo com a tradição oral, o Rei Sebastião surgiu na Pajelança e foi o primeiro soberano europeu a entrar na Mina como encantado, como mencionado por vodunsi da Casa de Nagô e parece atestado no processo-crime de Amélia Rosa (1877-1878) – negra alforriada cognominada “Rainha da Pajelança”, que realizava rituais mediúnicos em sua residência onde se entrava em transe com o Rei Sebastião (FERRETTI, M. 2004)⁴.

Algumas das entidades espirituais classificadas como nobres portuguesas recebidas no Tambor de Mina, como Dom Manuel e Rei Sebastião, são classificadas como nagô gentil e outras, como Dom João e Dom Pedro, são classificadas como cambinda (congo-angola) e pertencem à ‘linha da mata de Codó’ ou ‘de Caxias’ (município de onde Codó foi desmembrado) identificada com o Terecô - típico de Codó e hegemônico no interior do estado.

Na Casa de Nagô os encantados nobres são recebidos como ‘senhores’ (como entidades de status mais elevado, a quem o médium e suas entidades caboclas devem obediência e a quem se subordinam as demais entidades por eles recebidas (FERRETTI,

⁴ O uso dos termos *pajé* ou *pajelança* e *cura* entre comunidades negras do Maranhão do século XIX não deve ser entendido como influência pura e simplesmente da religião indígena na cultura afro-descendente (FERRETTI, M. 2004). Estudos de etnolinguística realizados por Yeda Pessoa de Castro, da UFBA, levanta a possibilidade daqueles termos terem uma etimologia africana: *kpace* – exorcizar; *kuda* – os que evitam a morte (CASTRO, Y., 2002, p. 133; 142).

M., 2009). São geralmente associadas a um orixá e festejadas no dia dos santos a quem são relacionados, que geralmente tem o mesmo nome deles. Costumam aparecer no terreiro trazendo várias outras entidades de sua família e às vezes, também alguns súditos ou serviçais (como os vaqueiros de Rei Sebastião), afilhados ou filhos de criação (como Légua Boji, incorporado á família de Dom Pedro Angassu). Nos rituais de Mina da Casa de Nagô os gentis não costumam se apresentar com luxo, mas são mais reservados do que os caboclos – costumam falar pouco e só com algumas pessoas. Nos outros terreiros que recebem entidades não africanas os encantados gentis (nobres) costumam ser recebidos com maior destaque e são preparadas para eles roupas especiais, como ocorre com Dom Luiz no Terreiro de Iemanjá, fundado pelo conhecido Pai Jorge Itaci (já falecido).

Relacionar encantados gentis com personalidades históricas nem sempre é tarefa muito fácil. Em relação ao rei Frances Dom Luiz, há muitas divergências. Para uns seria Luís IX, que reinou de 1226-1270, inicialmente sob a regência de sua mãe, fez a última cruzada e foi canonizado pela Igreja Católica (VERGER, 1990, p.240; AUGRAS, 1988; OLIVEIRA, 1989, p.47; SANTOS, R., 1999). Para outros seria o rei Luís XIII, que reinou de 1610-1643 e era Delfim quando os franceses invadiram o Maranhão e fundaram o forte que deu origem cidade de São Luís (OLIVEIRA, 1989, p.38; FERRETTI, M., 1999)⁵.

A dificuldade de se relacionar os encantados da Mina com os reis de Portugal de mesmo nome não é menor. Tomando como referencia três deles selecionados para análise nesse trabalho (Dom Manoel, Dom João, e Dom Pedro) e o período

⁵ Embora no Terreiro de Iemanjá em cada festa de santo católico haja mais de uma entidade espiritual também homenageada (associadas a ele), não fica claro se no dia 25 de agosto se homenageiam ali São Luiz (Luiz IX), como santo, e Dom Luiz XIII como vodum gentil, ou se homenageava Dom Luiz IX como santo e vodum e se reverencia Dom Luiz XIII, que era Delfim na época da fundação do forte São Luiz (onde surgiu São Luís - a capital do Maranhão). Como observou Roza dos Santos (SANTOS, R., 1999, p. 6-7), além dos dois soberanos se chamarem Luiz, ambos foram Delfins, o que contribuiu para que um fosse confundido com o outro).

compreendido entre o descobrimento e a independência do Brasil de Portugal (1500 a 1822), verificamos que Portugal teve um rei de nome Manoel, vários denominados João e vários chamados Pedro, o que torna essa correspondência bastante difícil. Alguns daqueles reis corresponderiam aos encantados recebidos nos terreiros de Mina? Quais? Diante dessa dificuldade, em vez de procurarmos traçar o perfil de reis portugueses (personagens históricas) a partir da historiografia e tentar estabelecer a correlação deles com os encantados da Mina que tem o mesmo nome, procuramos traçar o perfil de três reis portugueses encantados (Dom Manuel, Dom João e Dom Pedro Angassu) a partir de fragmentos da mitologia do Tambor de Mina (obtidos em entrevistas com pais-de-santo e análise de letras de músicas cantadas em sua homenagem) e de seu desempenho nos rituais de Mina, procurando apontar idéias e valores a eles associados, compreender as analogias que tem sido realizadas entre eles e personagens históricos da monarquia portuguesa e analisar sua posição privilegiada no panteão do Tambor de Mina.

2. Reis portugueses no tambor de mina

2.1. Dom Manuel, o 'rei do mundo'

De acordo com o pai-de-santo Jorge Itaci, Dom Manuel, rei português encantado no Maranhão na Praia do Arraial (sic.), é um vodum nagô gentil⁶ relacionado ao orixá Oxalá (OLIVEIRA, 1989), associado ao vodum Liçá. É também conhecido em alguns terreiros de Mina como “Rei dos Mestres” e costuma ser festejado no dia 6 de janeiro. É o legítimo pai do encantado Zé Raimundo que costuma vir com a família de Codó, com

⁶ Apesar do termo vodum ser usado nos terreiros antigos do Maranhão no sentido de entidades espirituais africanas dos povos ewe-fon, é também usado em terreiros de Mina para designar entidades espirituais antigas recebidas pelas vodunsis (filhas-de-santo) como ‘senhor’, ‘senhora’ ou ‘guia’ (a primeira entidade recebida pelos médiuns), daí a designação vodum gentil nagô, ou vodum gentil cambinda para nobres cristãos europeus, embora geralmente associados a orixás (como Oxalá, Xangô, Ogum) recebidos em terreiros nagô ou cambinda (pois na casa jeje só se recebe vodum).

os encantados da família de Légua Bogi, filho adotivo de Dom Pedro Angassu (SHAPANAN, s./d.; PRANDI e SOUZA, 2001, p. 222).

A análise da letra de uma das músicas cantadas na Mina em sua homenagem, apresentada a seguir, parece afirmar alguns pontos em comum com o personagem histórico de mesmo nome: como sua relação com a navegação (com o oceano) e a sua posição de destaque no Velho Mundo (Europa) e no Novo Mundo (America).

Andei, andei, passeei pelo fundo
Senhores me dão notícias
de Dom Manuel Rei do Mundo.
(FERREIRA, 1985)⁷.

Andei, andei, passeei pelo mundo
Senhores me dêem as novas
de Dom Manuel Rei do Mundo.
(SHAPANAN, s./d.).

Em outra doutrina cantada em sua homenagem ele é denominado “Manoel da Vera Cruz”, um dos nomes dados em terreiros de Mina ao mastro da Festa do Divino Espírito Santo (identificado por alguns pais-de-santo a Ifá) (OLIVEIRA, 1989, p.39) e parece falar de sua ligação com o Brasil, denominado originalmente “Terra de Santa Cruz” e “Terra de Vera Cruz”. Outra música parece anunciar sua relação com a ‘nação’ cambinda através das referências a Bem Boço e a Légua Boji Boa, este conhecido como o Imperador da Mata do Codó, filho adotivo de Dom Pedro Angassu, classificados como voduns cambindas.

Dom Manuel Bem Boço
Dom Manuel Boa
Dom Manuel da Vera Cruz
Dom Manuel Boa.
(LUCA, 2010).

Uma terceira música de Dom Manoel cantada no Tambor de Mina parece proclamar as suas riquezas originadas da exploração do Brasil (extração de pau Brasil e depois de ouro) e cobiçadas por outras nações.

⁷ As letras das músicas fornecidas são transcritas de fontes maranhenses (FERREIRA, 1985) e paraenses (LUCA, 2010; SHAPANAN, s.d.).

Dom Manuel pisa no ouro
 Pisa no ouro de Dom Manuel.
 (LUCA, 2010)

Pisa no ouro, pisa no ouro
 Pisa no ouro é de Dom Manuel.
 (SHAPANAN, s./d.).

Duas outras doutrinas entoadas em sua homenagem parecem revelar três dos seus cognomes: "Manuel da Paciência", "Manoel da Luz" e "Manuel Rei de Roma", esse, como observou Taissa de Luca (LUCA, 2010, p.95), enfatiza a sua ligação com o papa e sua importância na expansão do catolicismo romano e a última parece referir-se a proibição policial já enfrentada pelos 'mineiros' para realizar seus rituais (SANTOS, M. R. e SANTOS NETO, 1989, p.117; FERRETTI, M 2001; 2004) e à possibilidade de apelação para Dom Manuel, que apesar de se tornar 'mineiro' (ao se encantar e baixar nos terreiros), tinha grande prestígio em Roma, onde reside o Papa, autoridade máxima da Igreja Católica. Na outra música foi chamado "Rei de Roma").

Dom Manuel como é o teu nome
 Aperta a cunha da cunha cunhá (refrão)
 Dom Manuel daí-me paciência – aperta a cunha...
 Dom Manuel é Rei de Roma – aperta a cunha⁸ ...
 (LUCA, 2010)

Manoel da Luz anunciou,
 foi em Roma
 Chama vodum para a guma,
 fala com Rei Manoel
 (SHAPANAN, s./d.).

A última doutrina citada parece explicar a introdução de voduns gentis (Dom Manuel) no panteão da Mina como estratégia para a obtenção de licença para a realização dos toques de Mina, no período de proibição policial. A letra da música

⁸ O mastro tem sido também considerado um símbolo antediluviano e um oráculo para dos terreiros de Mina uma vez que a observação de suas alterações permite a previsão de problemas futuros. De acordo com narrativa bíblica, o mundo já foi destruído por um dilúvio, mas Noé, construindo uma barca, sobreviveu com sua família e conseguiu preservar várias espécies animais e vegetais. Depois de navegar por muito tempo, soltou uma pomba, que voltando com um ramo de oliveira no bico, anunciou o escoamento das águas e a continuidade da vida sobre a Terra. Na festa do Espírito Santo realizada nos terreiros de Mina do Maranhão, o mastro do Divino é denominado 'Manuel da Vera Cruz' e 'Oliveira', nessa caso também em alusão a episódio da paixão de Cristo, no jardim das Oliveiras (SANTOS, M. R. e SANTOS NETO, 1989, p. 99).

funcionaria como um lembrete: “chama vodum para guma” (local de danças sagradas do Tambor de Mina) que Dom Manoel garante a realização do toque; “fala com Rei Manoel” que ele resolve o problema. É preciso lembrar que, ao se encantar na Mina, e tornar-se ‘mineiro’ Dom Manoel resolveu os seus conflitos com eles.⁹.

Dom Manoel tem grande relação com o Brasil uma vez que foi durante o seu reinado que os portugueses descobriram o Brasil e o transformaram em sua mais próspera colônia. Como observa Taissa de Luca, o rei português Dom Manuel cognominado “O Venturoso”, que reinou entre 1495 e 1521, expandiu Portugal para o Índico, o Pacífico e, principalmente, para o Atlântico, transformando aquele país numa das maiores potências navais e comerciais da Europa (LUCA, 2010, p. 94, 96).

O perfil do encantado Dom Manoel, o “rei do mundo”, reproduz características daquele personagem histórico e também de Oxalá, o mais respeitado dos orixá na Umbanda, no Candomblé e nas religiões afro-brasileiras em geral.

2.2 Dom João, ‘Rei das Minas’

Ô Dom João, Dom João é Rei das Minas
 Ô Dom João, Dom João, é *rei* ‘mineiro’.
 Ô Dom João, Dom João é Rei das Minas
 Ô Dom João, Dom João, ele é ‘mineiro’.

Dom João é Rei das Minas, Dom João,
 Aê Dom João, aê Dom João,
 Dom João vem salvar terreiro, Dom João.
 Aê Dom João, aê Dom João.
 (SHAPANAN, s./d.).

Dom João, também conhecido como ‘Rei das Minas’, vodum gentil cambinda, é um dos encantados mais homenageados nos terreiros de Mina maranhenses e costuma ser festejado no dia 24 de junho. Domina a Praia do Calhau. É geralmente associado ao

⁹ Vodunsis da Casa das Minas e de outros terreiros de São Luís contam vários casos do tempo em que os terreiros eram proibidos de tocar, e fala da atuação de forças espirituais impedindo que policiais localizassem os terreiros que estavam tocando (desrespeitando a ordem policial) ou fazendo policiais entrarem em transe ao chegarem nas casas onde se realizavam os rituais. Conta-se também que o chefe de polícia Flavio Bezerra, famoso perseguidor dos terreiros da capital maranhense, só deixou o povo-de-santo em paz porque sua esposa entrou em transe e precisou da ajuda de terreiros.

orixá Xangô e a São João Batista (SHAPANAN, s./d.), mas em alguns terreiros do Pará é também associado a Ogum (LUCA, 2010).

Seu repertório musical é bastante rico, mas as letras das músicas cantadas em sua homenagem não são de fácil interpretação porque fazem referência a personagens ou lugares pouco conhecidos ou mesmo desconhecidos (Águas Belas e Águas Louras) ou contem palavras em uma língua não identificada e por isso mesmo não traduzidas (dada cuê ê lou).

Aê Dom João, para vodunsi Águas Belas
Aê Dom João, para vodunsi Águas Louras.
(FERREIRA, 1985).

Aê Dom João, fala vodunsi em Águas Louras
Aê Dom João, fala vodunsi em Águas Belas.
(SHAPANAN, s./d.).

Ai de mim, ai de mim Águas Louras
Ai de mim, ai de mim Águas Belas
(SHAPANAN, s./d.).

João, João, João *dadá cuê lou*
Ele é maravilhoso *dadá cuê ê lou*.
(FERREIRA, 1985).

Ele é rei Dom João, ele é o rei maior
É rei *agacecila*, ele é um rei maior
(SHAPANAN, s./d.).

Várias doutrinas cantadas em rituais de Mina se referem a ele como Dom João Soeira, entidade que para uns é o mesmo Dom João e para outros é uma entidade espiritual diferente. No Maranhão Dom João e Dom João Soeira são uma só entidade, como esclarece Pai Jorge (OLIVEIRA, 1989, p.46) e pode ser constatado analisando-se a seqüências das doutrinas cantadas nos rituais.

Segundo fontes paraenses, no passado, nos terreiros de Belém, esses dois nomes eram da mesma entidade, mas atualmente designam entidades diferentes: Dom João, associado a Xangô ou a Badé (denominação desse orixá entre os jeje) e Dom João Soeira, que ora corresponde a Xangô e ora a Ogum, que tem como esposa Rainha Dina, entidade cambinda também conhecida por Fina Jóia, associada a Oxum e a Nossa

Senhora de Nazaré e como irmã ou filha Rainha Barba Soeira, relacionada à Iansã (LUCA, 2010, p. 137, 142; PRANDI e SOUZA, 2001, p. 222) ¹⁰.

Ê lelê Dom João,
Fala vodum *idô* Badé
Ele é rei, Dom João,
Fala vodum *idô* Badé
(SHAPANAN, s./d.).

Rainha, mulher de Dom João,
ela é a Fina rainha,
mulher de Dom João é Fina Jóia.
(FERREIRA, 1985)

A análise do repertório musical e de mitos de Dom João Soeira (o mesmo Dom João?) mostra que ele é também representado como navegador.

Dom João Soeira cavaleiro do mar
Sela seu cavalo, Soeira, vamos passear
(FERREIRA, 1985)

Dom João Soeira cavaleiro do mar
Sela seu cavalo, Soeira, vamos viajar
(SHAPANAN, s./d.).

Dom João Soeira, cavaleiro do mar e céu
Desceu na guma somente para 'baiar'
Aê Soeira, cavaleiro do mar
Aê Soeira, cavaleiro do mar
(PRANDI E SOUZA, 2001, p. 224)

De acordo com a mitologia da Mina, Dom João atravessou o Atlântico em um navio e, aportando no Maranhão saiu passear, em companhia do Rei da Turquia – seu adversário em lutas de mouros e cristãos. Durante o passeio Dom João separou-se dele (propositadamente) e partiu sozinho, só o reencontrando alguns anos depois, quando se tornaram amigos. Segundo Pai Jorge Itaci, o navio encantado de Dom João começou a ser visto no Terreiro do Egito¹¹ por volta de 1928 (alguns anos depois da Primeira Guerra Mundial, e trouxe para a Mina a linha de Marinheiros (OLIVEIRA, 1989, p.34; LUCA, 2010, p.136).

¹⁰ Na Mina maranhense Maria Barba Soeira é associada a Santa Barbara, tal como o orixá Iansã e o vodum Sobô e é uma das entidades espirituais mais cultuadas.

¹¹ Terreiro de Rei dos mestres aberto por africana em local de difícil acesso, na área do porto do Itaqui, onde foram preparados vários pais e mães-de-santo que abriram terreiros de Mina na década de 50 do século passado (XX) como: Pai Jorge e Pai Euclides citados aqui também como OLIVEIRA (1989) e como FERREIRA (1985).

Numa outra versão do mito de Rei da Turquia este foi trazido prisioneiro por Dom Luiz (Luiz IX), depois da última cruzada, mas os turcos já entraram na Mina pacificados e batizados. O Rei da Turquia e Dom Luiz teriam chegado ao mesmo tempo: Dom Luiz, na Casa de Nagô, onde foi recebido por Mãe Alta; e Rei da Turquia no terreiro de Manoel Teu Santos (há muito desaparecido), onde incorporou em Mãe Anastácia, que fundou algum tempo depois o Terreiro da Turquia, conhecido como o primeiro terreiro de Mina aberto em São Luís para entidade espiritual não africana, (FERRETTI, M. 2000, p.133; 2007).

Segundo relatos de pais-de-santo maranhenses, o navio encantado de Dom João foi visto muitas vezes em São Luís na área do porto do Itaqui, por ocasião das festas realizadas pelo já extinto Terreiro do Egito, onde aquele encantado era recebido por Mãe Pia, sucessora da fundadora do terreiro, que preparou vários pais e mães-de-santo da Mina que abriram terreiros na década de 50 do século XX. O navio encantado de Dom João foi visto por Mãe Dudu, da Casa de Nagô (MEMORIA, 1997), por Pai Jorge (OLIVEIRA, 1989), ambos de Iemanjá, e por outros mineiros maranhenses. Não temos informação se Dom João começou a ser recebido em transe mediúnico no Terreiro do Egito, tal como muitas encantados das famílias de Gama, chefiada por Dom Miguel, de Bandeira, comandada por João da Mata, também denominado Rei da Bandeira, de Marinheiros, de Botos, de Sereias, e outras entidades não africanas do Tambor de Mina (OLIVEIRA, 1989, p.34).

Com base nos relatos sobre o navio encantado de Dom João a pesquisadora paraense Taissa de Luca (LUCA, 2010) levantou a hipótese de que o Dom João recebido na Mina como encantado é o Dom João VI, que transferiu a família real portuguesa para o Brasil a fim de evitar que Napoleão invadisse Portugal.

O encantado Dom João é rei, como Xangô, mas não é tão guerreiro como Ogum. De acordo com a letra das doutrinas citadas, é um navegador (gosta de viajar) que veio para o Maranhão para passear e desceu na guma para baiar e não para guerrear, embora seja apresentado como defensor dos ‘mineiros’ e esses possam recorrer a ele em casos de demanda (perseguição policial etc.).

2.3 Dom Pedro Angassu, ‘governador de vodum da mata de Codó’

Pedro Angassu é homem nobre
 Fina flor do girassol
 Governador dos voduns
 lá das matas do Codó
 (SHAPANAN, s./d.).

De acordo com a tradição oral, Dom Pedro Angassu é um encantado que domina a Mata de Codó, município do interior do Maranhão, berço do Terecô - mais difundido fora da capital -, que recebeu muitos negros escravizados para o trabalho nas fazendas de algodão. É associado a Xangô e ao vodum jeje Agassu, da família real do Daome (SHAPANAN, s./d.), e é festejado no dia de São Pedro – 29 de Junho.

Pedro Angassu tem como esposa Rainha Rosa, entidade relacionada a Oxum, e como filho adotivo a controvertida entidade espiritual Légua Boji Boa da Trindade, que chefia as entidades caboclas do Terecô ou Mata de Codó e costuma ser apresentado como um tipo popular, um vaqueiro de modos pouco polidos, que gosta muito de cachaça¹².

Légua é conhecido como bom para encontrar coisas perdidas: localizar boi desaparecido etc. (EDUARDO, 1948), e muito procurado pelos afro-descendentes para resolver múltiplos problemas. No tempo da escravidão Légua Boji era considerado o

¹² Dom Pedro Angassu e Rainha Rosa são pais de Rosinha Limeira (devota de Santa Rosa de Lima, daí o seu segundo nome). Légua Boji, classificado por uns como vodum cambinda, por outros como príncipe guerreiro, e por outros como um caboclo (tipo popular) criado como um empregado por Dom Pedro Angassu, é também conhecido como o vodum daomeado Legba, que tem uma banda branca e outra preta, uma para o bem e outra para o mal. E é ainda considerado uma entidade que reúne características daquele vodum e de outra entidade daomeana, o vodum Polibogi.

grande defensor dos negros. Como o seu nome foi lembrado em memórias do cativo (escravidão – até 1888) recolhidas no interior do Maranhão pelo historiador Mathias Assunção (ASSUNÇÃO, 1988) e Légua Boji nos foi apresentado em Codó como o encantado mais velho do mundo, é possível que seja tão antigo no Terecô de Codó quanto Rei Sebastião na Pajelança de negro de São Luís, recebido em rituais realizados na década de 70 do século XIX por Amélia Rosa – negra alforriada (FERRETTI, M., 2004). A referência mais antiga que temos de Légua Boji no Tambor de Mina é do terreiro de Maximiana, mãe-de-santo codoense ou ligada a Codó, que recebia Dom Pedro Angassu, documentado em 1937 por pesquisadores paulistas (ALVARENGA, 1948).

Ao contrário de Dom Manuel e de Dom João, Dom Pedro Angassu não é apresentado como dono do mar (navegador), nem como dono do mundo (muito poderoso) e sim como *imperador* da Mata de Codó ou *governador* dos voduns da mata do Codó (de um domínio restrito). É também apresentado como *homem* nobre, o que sugere uma maior aproximação com o povo, e não parece ter grande ligação com a Igreja Católica, pois nas letras das músicas analisadas sua relação com o catolicismo romano só aparece indiretamente, através do nome de um de seus filhos: Floriano Flor de Roma.

Eu vim só, vim só
Vim soletrar meu nome
Sou filho de Pedro Angassu,
Floriano Flor de Roma
(FERREIRA, 1985)

Em uma de suas doutrinas/músicas, ao ser chamado de Pedro *Peleja*, ele parece lembrado como um batalhador ou bom em disputa:

Pedro Peleja pelejê,
Pedro Peleja pelejá
Aê Peleja, aê pelejá,
Aê Peleja, eu estou numa peleja
(SHAPANAN, s./d.).

Mas, apesar do cognome Pedro Peleja, ele também chega na guma para *baiar* e não para trabalhar, numa quase afirmação de que naquele contexto o ‘senhores’ e ‘senhoras’, também denominados ‘os brancos’ não trabalham e que quem trabalha são os ‘cavalos’ (médiuns em quem incorporam) ou encantados de categoria inferior à deles. A análise das doutrinas cantadas em sua homenagem parecem também sugerir a sua ligação com o Terecô - onde se toca maracá (cabaça sem cobertura de malha, diferente das toçadas na Mina) e apenas um tambor, conhecido por “tambor da mata” (de uma só membrana) - e com a nação cambinda, a qual pertence o orixá Dantan a ele relacionado.

Rufa o tambor, toca o maracá
 Dom Pedro Angassu veio ‘baiar’
 Ele veio ‘baiar’, ele veio ‘baiar’
 Rufa o tambor, Dom Pedro Angassu veio ‘baiar’
 (FERREIRA, 1985)

Rufa tambor, toca maracá
 Ô da licença Dom Pedro Angassu veio ‘baiar’
 Ele veio ‘baiar’, ele veio ‘baiar’
 Rufa tambor Dom Pedro Angassu veio ‘baiar’
 (SHAPANAN, s./d.).

Boa noite Pedro Angassu
 Como vai, como passou
 Eu vim lhe trazer lembrança
 Que orixá Dantan lhe mandou
 (FERREIRA, 1985)

Uma diferença apresentada por Dom Pedro Angassu em relação aos nobres portugueses analisados é que, enquanto Dom Manoel e Dom João são sempre denominados reis, Dom Pedro Angassu é chamado *governador* ou imperador, o que poderia sugerir a sua ligação com o período em que havia rei em Portugal e imperador no Brasil (Dom Pedro I e Dom Pedro II). Conta-se no Maranhão que Dom Pedro II programou uma visita a Alcântara, que começou a se preparar para recebê-lo, mas ele desistiu da visita e dois sobrados que começaram a ser construídos para hospedá-lo com a sua comitiva ficaram inacabados.

3. Considerações finais

A análise de depoimentos de 'mineiros' e de letras de músicas cantadas em rituais realizados em terreiros de Mina mostra que naquela denominação religiosa os reis portugueses encantados são geralmente representados como navegadores cristãos ligados a Roma, contudo, mais empenhados na conquista de novos mundos do que na luta contra os infiéis (como o encantado Dom Luiz Rei de França e o Rei Luiz IX a ele associado), embora em uma versão do mito do navio de Dom João apareça de forma velada uma inimizade ou rivalidade entre ele e o Rei da Turquia. Mas, de acordo com as mesmas fontes, Dom Manoel, Dom João e Dom Pedro, escolhidos nesse trabalho para um exame mais detalhado, entraram na Mina e desceram na 'guma' (barracão onde são realizados os toques de Mina) para 'baiar', deixando de lado inimizades tradicionais (como a contra os muçulmanos) ou temporárias (como a com os franceses no tempo de Napoleão), fazendo novas alianças (com turcos recém-convertidos e algumas vezes até resistentes ao cristianismo) e aproximando-se, ou mesmo confundindo-se, com orixás e voduns: Oxalá, Xangô, Agassu e outros.

Embora os 'mineiros' antigos fossem africanos ou afro-descendentes e os reis cristãos encantados fossem conquistadores ou colonizadores, ligados ao sistema escravocrata, estes não foram impedidos de integrar o panteão da Mina e foram recebidos com todas as honras e em patamar superior ao reservado às entidades espirituais indígenas (aos primeiros donos do Brasil). As oposições e antagonismos existentes entre catolicismo e religiões afro-brasileiras não impediu também que aqueles reis encantados fossem associados ao mesmo tempo a santos católicos e a divindades africanas (geralmente reis como eles: Xangô, Agassu e outros).

Os reis ‘mineiros’ encantados, sendo associados a personalidades históricas da nobreza portuguesa e a orixás e voduns de famílias reais africanas, ao serem integrados ao panteão dos terreiros contribuíram para a elevação da auto-estima daqueles que os recebem ou os cultuam e conferiram aos terreiros maior legitimidade. Quando se diz numa doutrina que Dom João “vem salvar terreiro” (ou saudar terreiro), parece estar se querendo dizer que, apesar da religião ali professada ter sido vista preconceituosamente e perseguida pela Igreja Católica, tem valor e que aquele encantado está agradecido por ter sido integrado ao seu panteão.

Aqueles reis cristãos, integrando as categorias *orixá gentil* ou *vodum gentil* (nobres), passaram a ser advogados dos negros e afro-descendentes em questões contra os senhores de escravos e, depois da abolição, contra a polícia e a classe dominante (que proibiam a realização de seus rituais e tentavam impedir a ‘descida’ de encantados¹³, como parece sugerido na letra de doutrinas já apresentadas nesse trabalho e rerepresentadas para concluir):

Manoel da Luz anunciou,
foi em Roma
Chama vodum para a guma,
fala com Rei Manoel
(SHAPANAN, s./d.).

Dom João é Rei das Minas, Dom João,
Aê Dom João, aê Dom João,
Dom João vem salvar terreiro, Dom João.
Aê Dom João, aê Dom João.
(SHAPANAN, s./d.).

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Oneyda. *Tambor de Mina e Tambor de Crioulo*: registros sonoros de folclore nacional brasileiro II. São Paulo: Biblioteca Pública Municipal, 1979.

¹³ É preciso lembrar que em São Luís a obrigatoriedade dos terreiros requererem licença à Polícia para a realização de suas festas e rituais públicos, perdurou até 1989.

- ASSUNÇÃO, Matthias. *A guerra dos Bem-te-vis: a Balaiada na memória oral*. São Luís: SIOGE, 1988.
- AUGRAS, Monique. Le roi Saint Louis danse ao Maragnon. *Cahier Du Brésil contemporain*. Paris: Maison du Sciences de l'Homme, n.5, p.77-90, 1988.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto no século XVIII*. Fundação João Pinheiro; Secretaria de Estado da Cultura, 2002.
- EDUARDO, Octávio da Costa. *The negro in Northern Brazil, a study in acculturation*. New York: J.J. Augustin Publisher, 1948.
- FERREIRA, Euclides. *Orixás e voduns em cânticos associados*. São Luís: Ed. Alcântara, 1985.
- FERRETTI, Mundicarmo. São Luís e Dom Luís em terreiros da capital maranhense. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*. Nº 14, agosto de 1999, p. 4-5.
- . *Desceu na guma*. O caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís. 2. ed. revista e atualizada. São Luís: EDUFMA, 2000.
- . *Encantaria de 'Barba Soeira'*. Codó, capital da magia negra?. São Paulo: Siciliano, 2001
- . *Pajelança do Maranhão no século XIX: o processo de Amelia Rosa*. São Luís: CMF/FAPEMA, 2004 [transcrito pela professora e historiadora Jacira Pavão da Silva].
- . Origens portuguesas nos folguedos brasileiros: das danças mouriscas ao tambor de mina. *Letras – Revista da Universidade de Aveiro*. 24, 2007, p.5-14.
- . Identidade e resistência em um terreiro de Mina de São Luís-MA: a Casa de Nagô. In VASCONCELOS, Cláudio. *Nagon Abioton*. Um estudo fotográfico sobre a Casa de Nagô. São Luís: Ed. do Autor, 2009. (Textos: Mundicarmo Ferretti e Paulo Melo Sousa).
- FERRETTI, Sergio. *Querebentã de Zomadônu*. Etnografia da Casa das Minas do Maranhão. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- LUCA, Taissa Tavernard de. *Tem branco na guma: a nobreza europeia montou corte na encantaria mineira*. Tese Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – IFCH-UFPA, 2010
- MEMORIA de Velho: *Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense – Volume 1*. São Luís: CMF; SECMA, 1997.
- OLIVEIRA, Jorge. *Orixás e voduns nos terreiros de Mina*. São Luís: VCR. 1989.

PRANDI, Reginaldo e SOUZA, Patrícia Ricardo de. Encantaria de Mina em São Paulo. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira*. O livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001, p. 216-280.

SANTOS, Maria do Rosário C. e SANTOS NETO, Manoel dos. *Boboromina: Terreiros de São Luís, uma interpretação sócio-cultural*. São Luís: SECMA/SIOGE, 1989.

SANTOS, Roza. Festa de São Luís Rei de França: o santo Frances - nagô. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*. Nº 14, agosto de 1999, p. 6-7.

VERGER, Pierre. *50 anos de fotografia*. Salvador: Corrupio, 1982.

AUDIO

SHAPANAN, Francelino. *Tambor de Mina vol.2*. LP. Caritas, s./d.

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti é professora aposentada das universidades Federal e Estadual do Maranhão (UFMA e UEMA) e colaboradora dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas e em Ciências Sociais da UFMA. É mestre em Administração Pública e em Ciências Sociais, doutora em Antropologia, pesquisadora de religião afro-brasileira e de cultura popular. Tem vários livros publicados, colaborou em diversas obras sobre religião e cultura popular, publicou vários artigos em periódicos científicos do Brasil e de outros países.